



# ÁRVORE, A SUSTENTAÇÃO DA VIDA...



Escrito por: Camila Facchinetti de Azevedo Tavares



## ÁRVORE, A SUSTENTAÇÃO DA VIDA

- Como você pode ser tão esperta?

- Criança, eu já estou por aqui há muito tempo. Para falar a verdade, a nossa espécie está por aqui há mais tempo do que qualquer outra coisa. Eu já vi de tudo.

- Sério, como o quê?

- Eu já vi o tempo, todos os tipos de tempos.

- E muitas criaturas?

- Sim, no início só existiam alguns insetos e aranhas, aí alguns ratos, e alguns coelhos e ursos. E gambás. E então, de repente existiram os humanos, e o mundo desabou.

- Por que? O que os humanos fizeram?

- Bom, eles transformaram os lobos em cachorros. Rios em lagos. E a gente em madeira. Eles começaram a usar o planeta como se estivesse aqui só para eles. Eles agem como se existisse um planeta extra esperando.

- Por que eles fazem isso? Por que eles não entendem?

- Eu não sei. Se eles não perceberem que são parte da natureza, em vez de somente usarem-na, esses provavelmente não estarão por aqui para vê-la crescer.

*A NATUREZA NÃO PRECISA DAS PESSOAS. AS PESSOAS PRECISAM DA NATUREZA.* (Conservação internacional - a natureza está falando)

Prazer! Eu sou uma araucária, os mais “carinhosos” me conhecem como Pinheiro-do-paraná, Curi, Pinheiro-são-josé ou Pinheiro-das-missões e por aí vai... outros de vocês devem me conhecer como madeira, lápis, papel, caixa, palitos de fósforos... ou me acham um importuno para seus negócios, lhes impedindo de acumular mais dinheiro, porém, permita-me contar para vocês, eu não sou isso. Eu sou a vida, que gera a vida e a sustenta, eu sou o ar que vocês respiram, a chuva que vocês bebem e que regam teu alimento, o ar

condicionado de seu planeta, a fruta do seu lanche... mas, diferente de vocês, eu não prejudico meu próprio lar para gerar toda essa riqueza, pois eu sei que a verdadeira riqueza está na vida que eu mantenho viva. Mas, como vocês me agradecem?

Sou do estado do Paraná, uma das poucas regiões do Brasil que nós ainda existimos com uma maior incidência. Tenho quase 200 anos, já estava com 45 metros quando me arrancaram as raízes. Ahhh! Como eu estava majestosa, com as folhas mais verdes da floresta, firmes e fortes até mesmo no inverno, estava tão madura que meus ramos se desenvolveram horizontalmente com as pontas curvadas para cima, sobrepostos uns aos outros, formando assim vários andares de pura vida, principalmente lá embaixo de minha copa, até mesmo as pinhas mais antigas podiam abranger até 150 pinhões (sementes) estruturando uma harmonia na natureza. Já alimentei diversos animais, como aves, mamíferos, e humanos também se enquadram aí.

Minhas sementes são extremamente ricas em reservas energéticas e em aminoácidos, que são moléculas orgânicas fundamentais na formação de proteínas. Ainda houve uma época na qual pude ver os meus prosperando por aqui, mas quando vocês chegaram, quase tudo se foi e se não se foi esteve ameaçado. Nos derrubaram em massa, como se fossemos nada e de nada importássemos, a custo de que? Apenas para vocês viverem na ilusão de uma riqueza, denominada dinheiro, sem valor para natureza.

Atualmente, eu sou várias folhas de papel dentro de uma embalagem de plástico, mas como uma árvore, como eu vim parar aqui? Bem, vou lhes contar minha história. Nasci de uma das sementes de minha mãe em um chuvoso dia de janeiro, eu era apenas um pequeno brotinho que via o mundo pela primeira vez, me lembro até hoje de sentir o frescor da chuva gelada em minhas primeiras folhinhas. O mundo parecia o lar perfeito, lindo, acolhedor e seguro, com um colorido arco-íris no fim do dia, mal sabia eu os monstros que ali também habitavam, mas logo, logo, iria descobrir.

Apesar de fazer diversas coisas, a função que mais gosto é polonizar, sou responsável pela formação de cones alongados que podem chegar até 15

cm de comprimento e 4 cm de diâmetro, e é esse cone que produz o pólen. Entre abril e julho, 20 meses depois da minha polinização, minhas pinhas já amadurecidas soltam pinhões saborosos que são procurados por animais como aves e mamíferos, incluindo vocês humanos. Nós, machos, florescemos entre os meses de agosto e janeiro, diferente das fêmeas, que podem florescer o ano inteiro.

Aos pouquinhos fui crescendo e já no ano seguinte de meu nascimento pude fazer minha primeira polinização e gerar frutos para a vida animal da Terra. À primeira vista foi um pouco estranho, pois uns negócios estranhos cresceram em meus galhos e ficaram lá durante um bom tempo até ficarem bem maduros e se soltarem de mim. Quando caíram, a primeira a se aproximar para pegar sua refeição foi a dona gralha-azul, porém ela não comeu tudo, deixou as sementes “guardadas” no bico. Perguntei para minha mãe porque ela fazia isso e então minha mãe me disse mais tarde:

- A dona gralha não come as sementes pois ela as enterrava para depois comer em épocas de escassez de alimento, mas a maioria das vezes ela acaba se esquecendo onde deixou e, conseqüentemente o pinhão germina e dá vida a uma nova araucária, assim sendo uma ótima ajuda na continuação de nossa espécie.

Com o tempo, foram aparecendo mais e mais animais, lembro-me que havia tanta diversidade, pássaros principalmente, de todas as cores e tamanhos, mas o que mais me chamou a atenção foi a família de raposa-dos-pampas que por ali apareceram, apesar de sua aparência não ser te tal exuberância quanto a de uma gralha-azul, teve algo que me chamou a atenção. Apesar da aparência fofinha e dócil, seus olhos fixos e bem pretinhos eram intimidadores, como se o pelo crespo fosse apenas um disfarce para a força que havia em seu interior.

É como vocês humanos dizem, os olhos são a janela da alma. Mas, não foram somente esses animais que apareceram, também vieram guaxinins, os papagaios da cara roxa, o mico leão da cara preta etc., todos “batalhando” pelos pinhões mais saborosos, ou seja, os mais madurinhos. Foi incrível saber

que eu era capaz de sustentar tantas vidas diferentes apenas sendo natureza, ou seja, eu mesmo.

O tempo foi passando, e sempre nesta época entre agosto e janeiro, que é a época na qual nós florescemos, vinham diversos animais disfrutar das delícias de meus frutos. No início haviam alguns humanos também, mas bem diferentes dos que conheço agora, eles eram mais “tímidos” ou então mais respeitosos mesmo, chegavam de macinho para tentar não assustar os outros animais ali presentes (isso pode se dar como uma forma de prevenção contra ataques também), usavam coisas muito bonitas e exuberantes em suas cabeças e não tinham medo de mostrar seus corpos como realmente eram. Foram respeitosos, pegaram o que precisavam, sem fazer mal algum a nada, e foram embora.

Meus primeiros anos foram assim, cheios de prosperidade e alegria, mas um dia, quando já estava com uns 10 metros de altura, avistei na escuridão da noite algo se movendo em nossa floresta, e de repente uma luz vermelha muito chamativa começou a reluzir entre as araucárias do início da floresta, não tão distantes assim de mim. Mas aí, aquela luz começou a aumentar e aumentar cada vez mais, não tinha controle algum, e dela saía um calor tão intenso que mesmo de longe era possível sentir. Na manhã do dia seguinte o céu estava cinza, mas não porque iria chover ou algo assim, mas sim porque a fumaça da queimada tinha tomado conta do céu na noite anterior e a chama somente parou pois os humanos, de um jeito no qual eu nunca havia visto antes, chegaram e o apagaram, fiquei aliviado, só que logo depois das chamas cessarem, um deles encostou em meu tronco e gritou:

- Vamos cortar até aqui!!!

Não dei muita importância para aquilo, pois nem sabia o que significava. Então, o dia seguinte amanheceu com um barulho intenso, mas ainda distante, e de repente: Boom!! Avistei a uma araucária desabar ao solo, estava um pouco longe, porém deu para ver a copa caindo em direção ao chão e os animais que ali dormiam que conseguiram voar, voaram agitados para os céus, já os terrestres, ou conseguiram pular para outras árvores ou então se espatifaram no chão, por pura ganância e ignorância humana.

Foi ali, a primeira vez que eu vi o poder de destruição deles. E vocês pensam que foi só uma? Não, foram CENTENAS de nossas preciosas raízes arrancadas, inclusive as de minha mãe, e junto dos meus, foram-se toda a vida que aquela área habitava, inclusive no entorno, pois os animais ficaram com medo e se esconderam nas partes mais profundas de nossas florestas. Já os meus não tem tanta sorte assim, nós não podemos nos esconder nem os evitar e é assim que desabamos chão abaixo.

Só que a mesma espécie que destrói a floresta também luta por ela em pé, naquele dia houve um confronto entre indígenas e os homens da cidade, foi um mar de sangue, apesar dos homens da cidade estarem em desvantagem no número de pessoas, eles tinham armas mais letais, o que matou muitos indígenas. Mas, o número de indígenas mesmo assim era muito maior e conseguiu derrotar os homens da cidade, nenhum sobreviveu e eu não fui cortado naquele dia, mas minha mãe se foi e nem sei para onde. Na época ela tinha 125 anos, uma fonte de sabedoria e história, simplesmente arrancada de seu habitat sabe para quê? PARA GADO. Só entendi esse fato mais tarde, pois na época eu não sabia.

Eu sinceramente não entendo os humanos, nós damos a eles todos os tipos de frutas, sementes e castanhas saborosas e nutritivas com diversas opções. Esses alimentos não precisam sentir dor e agonizar até a morte para nutrirem o corpo humano, ou então, não se é necessário desmatar áreas e áreas de florestas virgens equivalentes a centenas de campos de futebol para se obter esses frutos saborosos e muito ricos. E os humanos já tem esse conhecimento em mãos, então por que não usá-lo de forma positiva?!

Bom, desde aquele dia eu temi a presença daquele ser tão egoísta e ganancioso, desejei que nunca mais entrasse em meu lar se tirasse as raízes da maioria dos meus. Desde aquele dia, minha paisagem já não era mais a mesma, ao invés de olhar para uma grande imensidão verde com pássaros voando e cantarolando, eu via apenas uns tocos de madeira e o solo carbonizado pelo fogo. Aquilo já provocou um grande desequilíbrio em nosso ambiente, pois quase todas as espécies que mantinham tudo em equilíbrio, se reservaram para dentro da floresta, porque estavam todos com medo e aflição dos chamados monstros.

Era perceptível essa mudança, pois os animais não vinham mais aos montes comer de minha semente, as árvores ao entorno da destruição começaram a enfraquecer e perder forças e aos poucos foram se degradando, suas raízes ficavam podres e desabavam no solo. Contudo, outro ensinamento que eu pude ter a partir desses acontecimentos foi reconhecer o poder de restauração e renascimento da natureza!!! Aos pouquinhos os pássaros começaram a reaparecer, inclusive a dona gralha, e foram capazes de pouquinho em pouquinho ressuscitar toda aquela área destruída.

Foi lindo ver cada brotinho de araucária crescer lentamente e cada vez mais majestosas em meio ao caos instaurado, demorou até que tudo voltasse ao normal, mas enfim este dia chegou, no horizonte já se podia ver o verde das copas das árvores de novo, assim como era antes. Contudo, comecei a sentir falta de alguns companheiros, como a gralha-azul, a raposa-dos-pampas e o mico leão da cara preta, não os via mais com tanta frequência, às vezes eu passava quase sete dias sem vê-los, e isso na temporada das melhores pinhas, hein!!!

Um tempo depois, minha dúvida foi respondida da maneira mais cruel possível, em um amanhecer silencioso e calmo, uma das galhas veio se alimentar de meu pinhão. Quando levantou voo para partir em direção a sua família, ficou presa em uma rede, que somente ficou perceptível quando a pequena gralha começou a se debater sobre ela desesperadamente. Logo em seguida ouve-se um estrondo muito alto: “powww”, e a partir dali já se podia ver a rede claramente, pois agora estava coberta de sangue e ficou espantosamente vermelha. Após o estrondo da morte, dois humanos saíram detrás de uns arbustos comemorando:

- Ahaaa!! Olha só este que eu acertei, papai!!

- Muito bem, filho, sua mira está melhorando. Vamos levar este para ver se dá para empalhar e deixar como um troféu no seu quarto.

Aos poucos, essas cenas ficam cada vez mais comuns e mais problemáticas, pois os animais voltaram a se isolar mais no coração da floresta, pois tinham medo, e muito medo.

Nem todos os humanos matavam, alguns capturavam e colocavam tais VIDAS dentro de caixas de sapato ou em espaços ainda menores e torturantes, para fazer o que vocês humanos chamam de tráfico de animais. Já outros, matavam por esporte, pelo simples prazer de tirar e massacrar a VIDA, e o que mais me assombra é ver isso sendo passado de geração para geração. E foi assim, que aos poucos, as espécies começaram a diminuir, com um desmatamento aqui, uma caça desnecessária ali...

Aquela área começou a ficar muito conhecida pelos caçadores, que contaram para os madeireiros o quão farta de araucárias ela era, que contaram para as grandes empresas. Com isso, meu amigo, já era!!! O circo estava formado, ou melhor, o extermínio estava marcado e o dia de me arrancarem as raízes também. Pude ter ainda alguns dias de “paz”, mas logo o barulho torturante das motosserras se iniciou e não parou mais. Até que chegou minha hora, e eu desabei ao chão, junto com toda a comida que gerava, com os meus galhos que eram o lar de diversas espécies, com a transpiração que ajudava nos regimes de chuva da região, com a capacidade de armazenar o dióxido de carbono que vocês mesmos, humanos, jogam na atmosfera a cada segundo, com minhas folhas que caíam, viravam matéria orgânica e nutriam o solo... tudo isso se foi. Foi quando achei uma resposta para a minha dúvida: se os humanos não estão nem aí para a o próprio futuro, porque cuidariam do que o garantiria?!

Repense antes de comprar um simples pacote de papel, você pode estar investindo em toda essa destruição.

Dados de hoje em dia:

BBC News 29.nov.2019: Era alta como um prédio de dez andares, larga ao ponto de só poder ser abraçada por seis pessoas juntas [...] Essa gigante imbuia, árvore símbolo de Santa Catarina, foi derrubada para virar cerca [...] Uma análise ainda inédita apontou a idade da imbuia gigante: ao menos 535 anos.

Folha de S. Paulo 27.maio.2020: O desmatamento na mata atlântica entre 2018 e 2019 cresceu cerca de 27% em comparação com o período anterior, mostram dados da ONG SOS Mata Atlântica divulgados nesta quarta-

feira (27) [...] O desmatamento de 14.502 hectares registrados mais uma vez está concentrado na Bahia, em Minas Gerais (nos limites com o cerrado) e no Paraná (em regiões com araucárias), com aumento, respectivamente, de 78% (4.972 hectares), 47% (3.532 hectares) e 35% (2.767 hectares) na destruição.

Folha de S. Paulo 15.set.2019: Estudo de Oliver Wilson, da Universidade de Reading (Reino Unido), aponta o ano 2070 como prazo para a extinção das araucárias [...] As araucárias gostam de frio e umidade, por isso só ocorrem nas áreas de mata atlântica mista das serras e suas grotas e nos campos de altitude [...] Com o aquecimento paulatino da atmosfera em virtude da mudança do clima, seu habitat tende a desaparecer. Habitat, aliás que já perdeu para o desmatamento mais de 90% da superfície original, sobretudo pela extração da boa madeira [...] A espécie figura como ameaçada de extinção na lista do Ibama.

Folha de S. Paulo 9.set.2020: Uma área equivalente a mais de 220 campos de futebol de vegetação nativa, incluindo 4.000 araucárias, árvore símbolo do Paraná e ameaçada de extinção, está sendo derrubada para a passagem de novas torres de transmissão de energia elétrica pelo estado. [...] A obra, em fase inicial, é conduzida pela Engie, multinacional francesa [...] O Ibama chegou a suspender a derrubada depois que o Ministério Público do Paraná pediu esclarecimentos ao órgão, mas o projeto já foi retomado. **Katna Baran**

Folha de S. Paulo 6.out.2020: A Justiça Federal do Paraná suspendeu, na segunda-feira (5), as licenças de cerca de 1.000 km de novas linhas de transmissão de energia elétrica no estado. **Katna Baran**

No Paraná, resta menos de 0,8% de área contígua e bem conservada de araucárias. Elas não podem ser extintas pelo mero prazer humano de ser ignorante. ARAUCÁRIAS FICAM e a Engie sai!!!